



REVISTA DO CURSO DE JORNALISMO DA UNIVALI

ONTEXTO

ANO 2
NÚMERO 3
JUNHO/2019

EDUCAÇÃO

Para além do ato de ensinar e aprender, o processo de educar pode revelar histórias de vidas que foram modificadas dentro e fora de salas de aula. Vidas que são exemplos de amor, luta e transformação



{editorial}

"Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda". A frase do patrono da educação brasileira, Paulo Freire, é apenas uma das perspectivas que podemos ter sobre a importância dos diversos processos de educar existentes. Digo diversos porque a grandiosidade da educação não pode nunca ser resumida na configuração de um professor à frente de alunos sentados em suas cadeiras. A educação nasce da troca de experiências e as experiências são múltiplas.

Nas páginas que seguem desta terceira edição da revista Contexto, são diversas as histórias e as manifestações desses processos do educar. A revista em si é, ela mesma, uma parte do processo de aprendizado dos alunos da disciplina de Jornalismo de Revista, da qual eu sou temporariamente o responsável. Temporariamente porque eu estou ali como um instrumento de algo que é maior do que o tempo: o conhecimento.

Educação pela arte, os desafios da caminhada de aprender, projetos e experiências de vida que agregam, personagens que lutam por espaço e respeito, história de vida. São esses alguns dos temas que percorrem os textos dessa edição. Que seja pra você, leitor, como foi para mim e para os alunos produzir essa revista, uma chance de conhecer e aprender. Boa leitura.

Vinicius Batista

Professor do curso de Jornalismo da Univali

índice

- { **Além das Notas**
página 4
- { **Mamãe: Presente!**
página 6
- { **Universo Particular**
página 10
- { **Nomes Sem Assinatura**
página 16
- { **Brincadeira de Escola**
página 22
- { **De Lá pra Cá**
Página 24
- { **Questão de Identidade**
página 28



UNIVALI

Colaboradores: Beatriz Nunes, Bianca Ávila Müller, Bruna Letícia Gerhard, Celio Bruns Junior, Gabriela Azevedo, Guilherme Mendes dos Santos, Gustavo Andre da Silva Fuhr, Isabella de Camargo Dotta e Silva, Juliane Ferreira da Cruz, Lidia Sievers Lobe, Louise Lamin de Oliveira, Matheus Lopes de Medeiros, Matheus Verissimo Fontana, Nicolle Izabele do Prado Pohlmann, Rachel Schneider, Roberto da Silva Ribeiro, Samara Michele V. A. Santos, Sarah Emilly Pereira, Thayná Santos Costa, Vanessa Fagundes

Professor responsável: Prof. MSc. Vinicius Batista

CONTEXTO

A edição número 3 da **Contexto**, a revista do curso de Jornalismo da Univali, é resultado do trabalho coletivo. Coletivo em vários sentidos. Não apenas por ser recheada de um conteúdo produzido pela união de criatividade, experiências e aprendizado dos alunos que produziram as reportagens das páginas a seguir. Coletivo também porque, para dar vida, tinta e papel para a revista, contamos com a colaboração de diversos "fiadores" desse projeto através de uma campanha de financiamento coletivo.

A todos que ajudaram, nosso

MUITO OBRIGADO!

ALICE MENDES

AYSLA DIAS

BÁRBARA BENETTI

BEATRIZ NUNES

BIANCA ÁVILA MÜLLER

BRUNA GERHARD

BRUNA MONTEIRO DA CRUZ

CARLOS GOLEMBIEWSKI

CLAUDIA CRISTINE CUGNIER GUENTHER

DALES HOECKESFELD

DIEGO BENVINUTI

GABRIEL SILVA

GABRIELA AZEVEDO

GERCINO EVARISTO

GUSTAVO PAULO ZONTA

HEITOR GONÇALVES DOS SANTOS

ISABELLA CAMARGO

JOICE SCHNEIDER MARMENTINI

JULIANE FERREIRA

KÁTIA REGINA EVARISTO

LOUISE LAMIN

LOUISE STEFANY POLESELLO

MATHEUS PETTER

NAHOR LOPES DE SOUZA JR

RACHEL SCHNEIDER

SAMARA VARGAS

SIMONE VICTORINO

TERESINHA RIBEIRO GERHARD

THAYNÁ COSTA

THAYNA FAGUNDES LENTZ

THIAGO CASSANIGA FURTADO

TOP MODEL – ROUPA FEMININA

VINICIUS BATISTA

WANESSA OLIVEIRA

ALÉM DAS NOTAS

Quando as notas escolares e notas musicais se juntam para o crescimento e formação da criança



// Texto **Gustavo Fuhr**
Beatriz Thiemy

As caminhadas pela praia, passeios com o cachorro ou apenas um momento solitário em casa. É só você e sua companheira inseparável, a música. Ela influencia diretamente todo o nosso eu de forma geral. É de extrema importância para nossa sobrevivência. Porém, foi apenas em 2008 que a música passou a ser obrigatória na grade de escolas de Ensino Fundamental. A decisão foi da ex-presidente Dilma Rousseff, que sancionou a lei que obrigava matérias de cunho artístico nas escolas de primeiro a oitavo ano. Uma vitória dessa geração que será premiada com a alegria da música desde sua base, já que a música, como dizia Aristóteles, “é celeste, de natureza divina e de tal beleza que encanta a alma e a eleva acima de sua condição”. O filósofo em sua magnitude do pensar reconhece a música como essencial para o ser humano tornar-se elevado de alma e espírito. É indiscutível a sua importância e influência na sociedade. Essa lei brasileira pode até ter sido tardia, mas ainda bem que chegou. De Beethoven ao Mr. Catra, tudo é música, e em algum lugar ela está sendo ouvida. Por mais questionamentos que se tenha ao redor de fatores como estilo, dificuldade e execução da música, sempre há uma pessoa disposta a ouvir e deixar o som entrar em sua vida. Dessa forma,

assim como Biologia, Química e Física, a Música está presente no dia-a-dia, tendo assim que ser ensinada de forma técnica e prática desde as bases, como a Matemática e o Português.

Envolvido com oficinas de músicas desde 2007, Cassiano começou a dar aulas em Itajaí

Como outras matérias normais, a Música precisa de professores graduados e capacitados para ensinar da melhor forma aos alunos, principalmente aos mais jovens. Cassiano Bazana é professor de música do Centro Educacional Municipal Presidente Médici, em Balneário Camboriú. Além da formação em Música, Cassiano também é formado em Jornalismo e já trabalha muito tempo com crianças. Antes mesmo de ser formar, o professor já dava aulas de português a crianças do quinto ao oitavo ano, além de projetos com o grupo “Tarrafa Elétrica”. Envolvido com oficinas de músicas desde 2007, Cassiano começou a dar aulas de artes e música em Itajaí, todos em projetos de extensão da Univali. Por volta de 2010, começou a dar aulas em escolas particulares para crianças de 0-6 anos, e em Balneário Camboriú começou em 2013 nas escolas públicas. A dificuldade de dar aulas é pela pesada carga horária que desempenha, tendo 20h com 20 aulas em dois dias da semana.



Foto: Marcos Rodrigues

Escala Maior: Criança, educação e a música

A metodologia utilizada por Cassiano é bem prática, apesar das dificuldades proporcionadas pelo cansaço. Sendo cantor, compositor e multi-instrumentista, o professor tem uma bagagem a passar para os alunos, focando sim a aula prática, principalmente com o canto. A teoria musical é passada para o quarto e quinto ano, mas algo bem de leve para não atrapalhar e sobrecarregar os alunos. Para diversificar as aulas, o professor leva consigo vários instrumentos, da flauta ao ukulele, mas conta que há dificuldade de locomoção e até de tempo, já que não há intervalos entre aulas.

Júlia Spies, 8, se mostra animada pelas aulas que tem "eu gosto muito das aulas de Música. Adoro cantar e brincar com instrumentos". A pequena aluna é uma felizarda em ter, desde as bases, esse contato próximo com o mundo fascinante da música. Lídia Spies, mãe da Júlia, conta que a filha "brinca com o violão do irmão mais velho de vez em quando, mas tá sempre pedindo um pra ela poder tocar", diz, com um sorriso no rosto.

Dentro da música, a carga emocional é praticamente tudo. Nos primeiros níveis, a questão da comunicação através da música envolve fatores como perder a vergonha de cantar em frente ao público. Em função de estimular o desenvolvimento nessa área, Cassiano conta que dá prioridade a atividades vocais. "Eu privo muito o canto. Eles se expõem para os outros colegas ao cantarem, perdem a inibição", disse. Essa atividade, segundo o professor, ajuda as crianças na sua relação com o mundo e na sua comunicação. Além disso, o lado compositor do professor se mostra também ao tentar passar para as crianças alguns ensinamentos sobre cidadania e a criação de músicas em atividades em grupo. Autonomia e independência nos projetos também é um foco.

A escolha das músicas para utilizar nas aulas são definidas com alguns conceitos básicos. "Eu não gosto de pegar músicas que não tenham mensagens", continua Cassiano. "Tentar fazer com que a música não seja apenas um meio de comunicação, mas um fim em si próprio. Eu tento trabalhar o lado bom da música", finaliza.

Cassiano não utiliza letras com palavras ou mensagens agres-

sivas, e sempre busca músicas que ensinem alguma coisa e criem uma conexão com a mãe natureza. Outra base utilizada pelo professor é a questão do caráter, algo que alimente o espírito das crianças. Segundo ele, além da música, há de se ensinar algo a mais para as crianças. "Temos que criar seres humanos com bom caráter, não só entendendo o conhecimento", diz ele. O professor também cria músicas para ajudar os alunos a aprender e, segundo o mesmo, eles adoram.

Cassiano mostra um genuíno amor pela música e por ensinar, porque não é apenas conhecimento, não é apenas uma aula, a música como um todo não pode ser facilmente definida pela palavra música. Ela transcende as barreiras naturais da escrita e da palavra, partindo para a emoção, para o espírito, para a alma.

A música ajuda a forma de se expressar da criança, externalizar sentimentos de alegrias, tristeza, frustrações ou até aqueles em que a criança não consegue descrever com palavras. Ela também está relacionada com o desenvolvimento do cérebro, por estimular áreas ligadas à leitura e a matemática. Também potencializa as habilidades de concentração, atenção e memória. Além desses benefícios a música ajuda na socialização da criança, no despertar da autoestima dela. Ao perceber o desenvolvimento da habilidade com um instrumento, ela ganha confiança e orgulho sobre essa atividade. A musicalização pode ser feita a partir de um ano até os 10. Nesse período a criança vai aprofundar o contato com o ritmo, sons, melodias e a interação a princípio com brinquedos como chocalhos e apitos até os instrumentos como violão, flauta, baterias entre outros com o professor. Essas aulas também fazem com que a criança tenha uma bagagem cultural, aprendendo e conhecendo músicas do folclore não só do próprio país, mas como de outros. A música é uma linguagem universal, muitas vezes não é preciso que se entenda a língua falada, mas o sentimento que nela está presente, sem contar que independente de onde se esteja as notas sempre vão ser as mesmas. A beleza de conseguir se comunicar com alguém do outro lado do mundo, com uma língua e cultura totalmente diferente, utilizando apenas um instrumento.

MAMÃE: PRESENTE!

Quando a responsabilidade de ser mãe na adolescência se junta com o crescimento e formação escolar, jovens se obrigam a conciliar a vida de estudante com fraldas e mamadeiras.

// Texto *Bianca Müller*
Sarah Emilly

Apesar da rotina intensa, Nicolle é motivo de orgulho para a mãe que pretende finalizar o ensino fundamental e médio.



No meio do aglomerado de casas, o número 59 se destacava. Na frente da humilde casa branca havia um varal com roupinhas coloridas. Nele a indicação de que ali morava a pequena Nicolle. Naquele domingo já era escuro e logo Danieli precisava pôr Nicolle para dormir e preparar o material escolar. Não apenas para a bebê, mas também para ela. O relógio iria despertar às 5h30 da manhã de segunda-feira e a rotina de Danieli recomeçaria. Matemática, Português e Geografia eram as aulas que aguardavam a jovem na escola João Goulart, em Balneário Camboriú. Em sua bicicleta a caminho da escola, levava nas costas a mochila e a responsabilidade de ser mãe aos 15 anos.

No rosto de Danieli de Souza Rego, um sorriso alegre e orgulhoso pela trajetória que possui. Nas mãos e olhar, a ânsia por falar de um assunto tão significativo. A jovem engravidou aos 14 anos quando ainda estava completando a 7ª série pela terceira vez. Na época o pai da criança tinha 26 anos. Quando lembra do primeiro pensamento que teve ao saber que estava grávida, Danieli afirma sem hesitar: “Minha mamãe (...) Para ela foi um choque”. Em segundo lugar, pontua a preocupação consigo mesma e os estudos.

Nicolle de Souza Ullrich da Silva, a bebê dedois meses, tem Síndrome de Down. A condição genética de um cromossomo a mais na bebê faz com que ela possua características específicas. O fato é apenas um detalhe na vida de Danieli, que procura os atendimentos necessários e ver as potencialidades de Nicolle sem acentuar as suas dificuldades.

Leilane Guimarães de Wergenes, 25 anos, é psicóloga na Associação Amor para Down, que Danieli e Nicolle frequentam e possuem atendimentos semanais. Para a psicóloga, o acompanhamento de um profissional da área se faz necessário em um momento como este. Segundo ela, a depressão pós parto é muito comum em adolescentes após a gravidez. A demanda de alimentar, acordar à noite e manter toda uma atenção voltada à criança é uma situação que, normalmente, a adolescente não precisaria passar. Leilane ainda acrescenta que o suporte familiar é imprescindível não apenas no momento da gravidez como também no trabalho com a prevenção. “A família precisa dialogar com os filhos. No geral a prevenção não precisa partir apenas do sexo feminino. Há inúmeras formas de prevenção, mas a iniciativa de

ensinar os adolescentes a se prevenir deve partir da família”, conclui a psicóloga.

O período da adolescência é de transições, descobertas e inseguranças, mas também de estudos e preparação para uma vida profissional. Devido aos casos de gravidez precoce, muitas jovens tendem a abandonar seus estudos, pois além de aprender sobre conjugações verbais, cálculos e geografia, também se veem obrigadas a aprender a ser mãe. A discriminação e preconceito que podem ocorrer dentro das instituições de ensino também contribuem para esta escolha.

Grávida aos 15 anos, no 1º ano do Ensino Médio, Tariane Fernandes Joaquim não planejou o primeiro filho. Assustada e em uma mistura de sentimentos, como ela mesmo relata, Tariane e o namorado decidiram casar após a notícia de que seriam papais. Agora, com 24 anos, não estando mais com o pai do bebê, a vendedora de calçados casou novamente e já possui um segundo filho. Para ela, o suporte prestado pelos familiares quando soube de seu primeiro filho foi de extrema relevância. “Minha família e a dele foram fundamentais em tudo naquele momento da nossa vida, com apoio psicológico, ajuda financeira, ajuda pra cuidar dele (o bebê) e cuidados comigo”, comenta.

Em sua época escolar, Tariane possuía uma rotina para conseguir conciliar seu papel de mãe e estudante. A jovem era ciente dos direitos o qual possuía. “Tinha a opção fazer trabalho em casa, falta considerada em dias de médico, e quando ele nasceu podia levar ele pra escola junto a mim, pois ele mamava”, conta. Durante os primeiros seis meses de vida do bebê, em seus intervalos escolares, ela ia até em casa amamentá-lo e retornava para a escola.

A rotina de Danieli também é dura, porém necessária. Em virtude dos inúmeros atendimentos e acompanhamentos médicos que Nicolle precisa receber, a jovem precisou criar seu próprio calendário diário para poder cuidar da filha e poder se dedicar a seus estudos. “Eu tenho que deixar ela 7h na escola, porque se eu não deixar ela às 7h na escola eu me atraso pra chegar na minha que é às 7h30. (...) Aí eu levo ela de a pé toda empacotadinha e vamos. Para a minha escola vou de ‘bike’. Eu tenho que acordar 5h30 da manhã.”

Em sua época escolar, Tariane possuía uma rotina para conseguir conciliar seu papel de mãe e estudante. A jovem era ciente dos direitos o qual possuía. “Tinha a opção fazer trabalho em casa, falta considerada em dias de médico, e quando ele nasceu podia levar ele pra escola junto a mim, pois ele mamava”, conta. Durante os primeiros seis meses de vida do bebê, em seus intervalos escolares, ela ia até em casa amamentá-lo e retornava para a escola.

A rotina de Danieli também é dura, porém necessária. Em virtude dos inúmeros atendimentos e acompanhamentos médicos que Nicolle precisa receber, a jovem precisou criar seu próprio calendário diário para poder cuidar da filha e poder se dedicar a seus estudos. “Eu tenho que deixar ela 7h na escola, porque se eu não deixar ela às 7h na escola eu me atraso pra chegar na minha que é às 7h30. (...) Aí eu levo ela de a pé toda empacotadinha e vamos. Para a minha escola vou de ‘bike’. Eu tenho que acordar 5h30 da manhã.”

Em sua época escolar, Tariane possuía uma rotina para conseguir conciliar seu papel de mãe e estudante. A jovem era ciente dos direitos o qual possuía. “Tinha a opção fazer trabalho em casa, falta considerada em dias de médico, e quando ele nasceu podia levar ele pra escola junto a mim, pois ele mamava”, conta. Durante os primeiros seis meses de vida do bebê, em seus intervalos escolares, ela ia até em casa amamentá-lo e retornava para a escola.

A rotina de Danieli também é dura, porém necessária. Em virtude dos inúmeros atendimentos e acompanhamentos médicos que Nicolle precisa receber, a jovem precisou criar seu próprio calendário diário para poder cuidar da filha e poder se dedicar a seus estudos. “Eu tenho que deixar ela 7h na escola, porque se eu não deixar ela às 7h na escola eu me atraso pra chegar na minha que é às 7h30. (...) Aí eu levo ela de a pé toda empacotadinha e vamos. Para a minha escola vou de ‘bike’. Eu tenho que acordar 5h30 da manhã.”

A rotina de Danieli também é dura, porém necessária. Em virtude dos inúmeros atendimentos e acompanhamentos médicos que Nicolle precisa receber, a jovem precisou criar seu próprio calendário diário para poder cuidar da filha e poder se dedicar a seus estudos. “Eu tenho que deixar ela 7h na escola, porque se eu não deixar ela às 7h na escola eu me atraso pra chegar na minha que é às 7h30. (...) Aí eu levo ela de a pé toda empacotadinha e vamos. Para a minha escola vou de ‘bike’. Eu tenho que acordar 5h30 da manhã.”

Devido aos casos de gravidez precoce, jovens tendem a abandonar seus estudos.

Leis amparam as estudantes

Conforme o Artigo 53 do Estatuto da Criança e do Adolescente:

A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando-se-lhes: I – igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

A legislação que ampara a estudante gestante, regulando o período de afastamento escolar, é a Lei Federal n.º 6.202, de 17 de abril de 1975, a qual regulamentou o regime de exercícios domiciliares, instituído pelo Decreto-Lei n.º 1.044, de 21 de outubro 1969. Esse regime decreta o afastamento a partir do oitavo mês de gestação e permanência durante três meses.

Diante do cenário de direitos à educação, se faz necessário que estes direitos sejam efetivamente garantidos. Não basta apenas declarar o direito, é fundamental e preciso assegurá-lo para adequação às necessidades da população, neste caso, das estudantes grávidas ou mães.

A acadêmica Camila ainda conta muito com o apoio da família para os cuidados com a filha.



Foto: Arquivo pessoal



Conheça alguns projetos regionais

Na região do Vale do Itajaí contamos com projetos de conscientização e prevenção na saúde de adolescentes, com foco na gravidez precoce. O Instituto Crescer – Movimento, Cidadania e Juventude é uma Organização sem Fins Lucrativos que contém o “Projeto Crescer – Conversando com Adolescentes”.

O projeto tem como objetivo desenvolver uma campanha de prevenção e conscientização com foco na gravidez precoce e doenças sexualmente transmissíveis, visando qualificar adolescentes do Ensino Médio e rede pública de Itajaí. São desenvolvidas atividades, palestras e oficinas sobre a sexualidade com o objetivo de sensibilizá-los para um comportamento sexual seguro.

A professora Marialva Spengler destaca a atuação desse projeto que é premiado nacionalmente pela relevância no trabalho sobre a gravidez precoce e afirma que a prevenção é a grande saída para conscientizar novos jovens em relação à prevenção de gravidez indesejada enquanto ainda estão na escola.

Outro projeto desenvolvido na região do Vale sobre o mesmo tema é o “Quanto custa um bebê?”, da Gerência de Educação de Itajaí, por meio do Grupo de Jovens Multiplicadores. Atuam realizando pesquisas com o levantamento de dados abordando todas as implicações de uma gravidez cedo, de risco e sem planejamento de projeto de vida.

A gravidez na adolescência é indicativo de evasão e repetência escolar, dificuldade de inserção social, além de ser um indicador fundamental de iniciação sexual cada vez mais cedo e da prática de sexo não seguro. Projetos como esses são realizados com a intenção de diminuir dados e reverter as situações indicadas.

Assistência psicológica é essencial

De acordo com o relatório da Organização Mundial da Saúde divulgado em 2018, a cada mil adolescentes brasileiras com idades entre 15 e 19 anos, 68,4 engravidaram e tiveram seus bebês. O índice encontra-se acima da média latino-americana, que é de 65,5. A gravidez na adolescência tem se tornado uma realidade no país devido ao início da atividade sexual precoce. Este fenômeno ocorre em consequência a vários fatores, entre eles estão fatores biológicos, familiares, psicológicos e até mesmo métodos de contracepção, já que alguns contraceptivos não funcionam com eficácia na adolescência.

Marialva Spengler, 61 anos, é mestre em Psicologia da Educação e também afirma que o acompanhamento psicológico é fundamental para jovem e sua família para o entendimento sobre a vinda da criança e todos os cuidados e atenção necessários. Ela considera que o apoio psicológico e familiar podem ajudar na autoaceitação da nova mamãe com sua inédita condição de vida. Desta forma a jovem poderá assumir esse grande compromisso com amor e dedicação.

Do mesmo modo que Danieli e Tariane, a estudante Camila Chaves, 21 anos, não teve uma gravidez planejada. Na época com 17 anos e finalizando o ensino médio, Camila recebeu o apoio e suporte da família e do namorado. “Com 5 meses de idade da minha filha eu comeci a cursar Arquite-

tura, recebi o apoio de toda a minha família e foi fundamental”, conta a estudante.

No início, Danieli conta que chegou a sofrer preconceito na escola por ser mãe, mas que isso nunca havia a abalado. Para ela, ter a bebê na época foi a melhor coisa que lhe aconteceu. “Eu acho que era pra ser mesmo. Porque tudo foi bom sabe? Ter ela foi bom!”. Depois de se tornar mãe, a jovem decidiu se dedicar muito mais a seus estudos. Para ela, desistir de estudar enquanto estava grávida nunca foi uma opção. O pai da bebê possui uma relação amistosa com a mãe, hoje separados. Danieli relata que apesar de o pai ter assumido a criança, não conseguiu assumir também seu papel de pai quanto aos compromissos para com o bem estar de Nicolle. Já a família do pai apoia Danieli e sua filha com todo o suporte básico para a comodidade da criança.

Apesar de a evasão escolar ser uma realidade no país, Santa Catarina está em 7º lugar com apenas 6,1% de taxa de abandono escolar, se comparado com outros estados, de acordo com o Censo Escolar de 2016 realizado pelo INEP. Mesmo que as oportunidades, direitos e meios de seguir os estudos sejam de fácil acesso, a gravidez na adolescência não pode ser entendida com naturalidade, visto que pode ser prevenida antecipadamente por meio da educação sexual continuada e métodos contraceptivos.

Ótica Liberty

Av. Marcos Konder, 1313 - Térreo
Ed. Liberty - Itajai
47 348-2382

 /libertyotica

 @oticaliberty

*Coleção
Outono Inverno*

UNIVERSO PARTICULAR

"A história do Thor: Um som e um tom para as palavras que não foram ditas." Mas podem ser reinventadas.

// Texto *Bruna Gerhard*
Gabriela Azevedo

Entre o livro que vai de A a Z com o nome dos dinossauros, existem os dedos leves de uma criança apaixonada por eles. No meio dos Tiranossauros, Terópodes, Paquicefalossauros e as outras incontáveis espécies, temos um quase especialista na área. A fala, os movimentos do corpo, o interesse por amizades, a vida social, as emoções e o jeito de se desenvolver são todos diferentes das pessoas convencionais. No universo particular de cada um, algo é escolhido para se dedicar e dar mais atenção. Thor Cugnier Guenther se interessa sobre o assunto desde pequeno. Ele sabe qual é herbívoro, qual é carnívoro, a principal característica de cada um, detalhe por detalhe. Em livrarias, os olhos caminham rápido pelas prateleiras procurando alguma espécie nova.

E dali, a inspiração e o orgulho por ter escrito um livro. Na escola, ele se aproxima mais rápido da biblioteca e aos poucos vai observando o comportamento dos seus colegas de sala e a forma que é incluído. Tudo na cabeça dele vira história e tem uma para contar sempre. Dizem que crianças com autismo têm dificuldade com a interação,

de ter empatia, de literalmente entrar no mundo da imaginação, mas ele rompe com essa característica a cada linha de sua história, seja ela a dos livros ou da vida.

Educação Inclusiva é um conceito que envolve não somente o processo de inclusão das pessoas portadoras de necessidades especiais ou de distúrbios de aprendizagem na rede de ensino em todos os seus graus, mas também todas as diferenças possíveis entre as pessoas. A construção de um meio inclusivo é um processo coletivo, que passa por uma série de transformações do local e de todos os seus envolvidos. Esta situação abre as possibilidades de compreendermos as singularidades de cada pessoa, necessidades, contexto, história, de que tipo de apoio é necessário para que exista um bom aprendizado. Existem alunos de diversos perfis de desenvolvimento e a escolarização que respeita a singularidade é a mais importante, pois enxerga o aluno como parte integrante do grupo.





Foto: Gabriela Azevedo

Além de escrever no seu tempo livre, Thor gosta muito de reproduzir suas histórias em forma de desenho.

Vamos falar dele...

Thor, 15 anos, é protagonista nesta história sobre inclusão. Aos dois anos foi diagnosticado com Transtorno do Espectro Autista - TEA e isso fez com que sua vida ganhasse novos rumos e prioridades. Com a ajuda da mãe, Claudia Cugnier Guenther, Thor lançou dois livros sobre o tema que ele mais gosta: dinossauros. "Perdidos no meio do deserto" e o "O Bebê Dragão". Além de contar a história dos seus personagens, ele ainda os desenhava, ilustrando as formas de todos e criando uma nova maneira de interagir com o mundo. A ajuda da mãe veio de um jeito leve. Thor desenvolvia sua história e a mãe escrevia. Ela diz que somente colocava no papel as ideias que surgiam da cabeça do filho. Lindalva é professora de ensino fundamental, acompanhou todo o progresso do Thor e diz: "Quando começou a estudar comigo, ainda não dominava a escrita e a leitura. Nos últimos anos acompanho ele com aulas particulares, estudo para as provas e nesses anos percebo o quando ele melhorou. Teve um progresso incrível. Já lê e até escreve livros. A inclusão na escola é importante para que os alunos aprendam a lidar com as diferenças, sejam elas físicas, cognitivas ou psicológicas."

Alguns preferem nem falar com pessoas fora da sua rotina convencional, outros já preferem expor suas ideias com a sede de mudar o mundo. De fato, deve-se entender que cada ser humano é único e as oportunidades devem ser iguais para todos. A legislação é explícita quanto à obrigação das escolas de receber as crianças que

se apresentam para a matrícula. O principal desafio que se impõe é a construção de uma escola com novos parâmetros, uma escola voltada para a compreensão da realidade e tendo como princípio a inclusão. A escola que faz a inserção de alunos com diferentes particularidades precisa reconhecer e responder às necessidades de cada aluno de maneira

singularizada, garantindo que todos tenham educação de qualidade, com currículos apropriados, mudanças na organização e estratégias de ensino específicas. O ambiente estudantil ainda tem que estar capacitado e disponível para lidar com a diversidade e atenta a algumas questões fundamentais.

É importante entender que somos formados pela diferença, proporcionar e criar condições para que possamos, mesmo na condição de diferentes, atingirmos a igualdade de direito ao ensino, ao lazer, saúde, descreve Claudia Cristiane, mãe do Thor. Fabiana Lorenzoni é psicopedagoga e nos diz também que "o movimento inclusivo implica na transformação da sociedade e suas instituições para que reconheçam a diferença de todos e não de alguns e que acolha a todos nesta diferença. Então, os maiores desafios que encontramos em uma instituição

como a escola ou em uma sociedade que não avançou no sentido da inclusão é o de repensar as suas próprias regras, o próprio modo de atuar, suas práticas naturalmente excludentes, que consideram que as diferenças existem em alguns e não em todos."

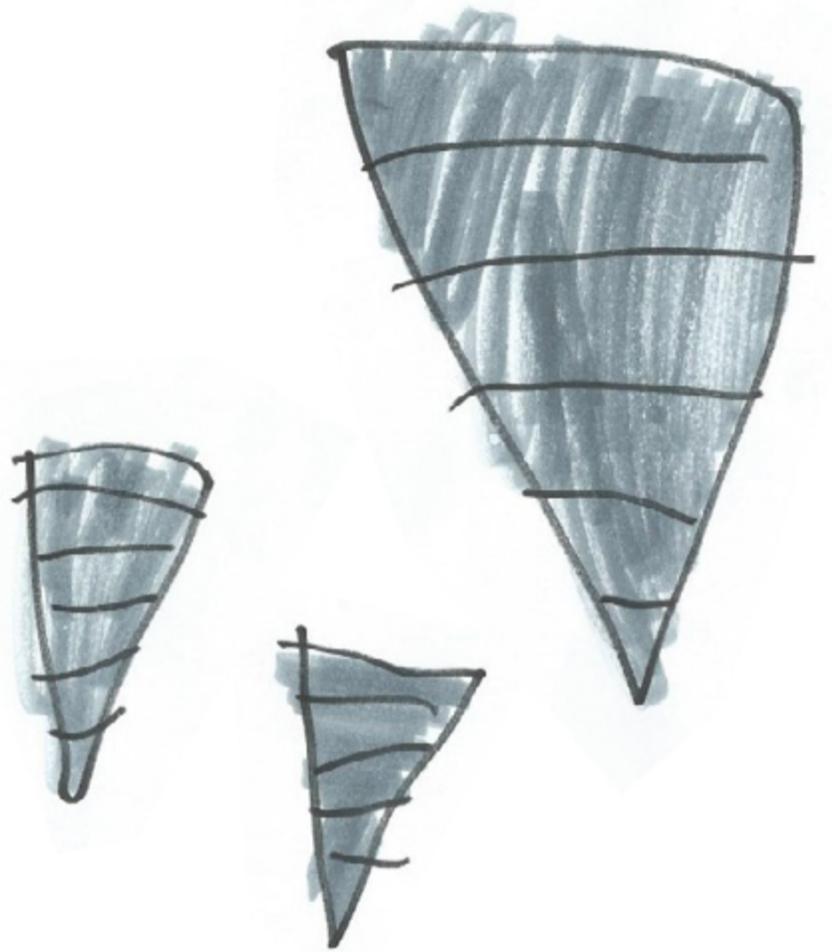
*Quanto
amor eu
deixo de
receber
ao temer
criar laços
com o
inexplorado?*

Responsabilidade

Uma das características bem marcantes nos autistas é a dificuldade em mentir, dissimular e disfarçar. Isso quer dizer que ter um amigo autista é ter um amigo verdadeiro para sempre. Thor diz que não gosta de bagunça, de quem não respeita as regras, de quem fala palavrão e de quem não respeita os outros. Para ser amigo dele, é preciso ser gentil e cuidadoso e encantar o menino. Dentro de sala de aula, o respeito deve ser o principal para se aproximar de Thor. Nicole Robe é a melhor amiga dele em sala de aula e conta sobre sua relação com ele e como o conheceu. “Desde o primeiro dia que o conheci fui acolhida. Entrei na escola muito tímida, com muitas dificuldades, mas quem mais me acolheu e me ajudou foi o Thor. Lembro que no segundo dia que estava na sala dele, recebi um buquê de flores dele como boas vindas. Passou uns dias e eu machuquei meu pé, estava andando de muleta, e quem mais me ajudou foi ele. Levava minha mochila para cima e para baixo sem eu pedir nada de ajuda, arrumava a cadeira pra mim, estava sempre me ajudando e me acolhendo de uma maneira inexplicável. Até hoje sou mega acolhida por ele. Thor tem um jeito único e alegre, às vezes eu não consigo entender como pode tanta alegria e animação em plena 07:25 da manhã. Ele é carinhoso, amável, sempre se importa com todo mundo, tem um coração maior que o mundo. Me ensina coisas todos os dias, não sei mais o que seria de mim sem suas piadinhas e história sobre dinossauros.” E ainda o descreve: “Ele é um artista, desenha todos os dinossauros, sabe o nome e a história de cada um, escreve histórias que são incríveis e tem uma sinceridade maravilhosa. É a pessoa que todos deveriam ter como melhor amigo.”

Nahor Lopes de Souza Junior, que já leciona Sociologia há 10 anos, percebe como professor em sala de aula a importância da inclusão mediante dar a todos a igualdade de oportunidades, nas devidas condições específicas de cada um. Por isso é necessário promover principalmente a boa convivência entre os colegas, fazendo com que as crianças acometidas de alguma síndrome ou necessidade especial não se sintam excluídas e essa inclusão ajuda os demais a quebrarem tabus e conviver com diferenças. O professor ainda diz que as dificuldades surgem na medida em que os professores se deparam com cada caso, pois durante a formação não teve algo educativo específico sobre a inclusão, o que acarretou várias dúvidas ao se deparar com cada caso. Nahor comenta ainda que até hoje possui dificuldades para lidar com alunos autistas e esquizofrênicos e muitas vezes não consegue diferenciar uma situação de hiperatividade com indisciplina, o que acarreta confusões no processo de educação do estudante.

Uma vantagem dessa reportagem é ser amiga do Thor. Como eu, Gabriela, trabalho na escola em que ele estuda como auxiliar de coordenação, meu papel com os alunos é ajudar em relação à escola e nas dificuldades apresentadas no dia a dia em sala de aula, mas com o Thor foi além disso. No iní-



cio a gente foi se conhecendo e eu percebi que ele era especial. Não chegava muito perto de mim, não conversava muito. Mas aos poucos, eu fui me aproximando dele e o conquistando. Hoje em dia, ele anda de mão dada comigo e gosta de conversar sobre tudo, além de dar o melhor abraço do mundo nos momentos que eu preciso durante o trabalho. O Thor é inteligente, é capaz de criar personagens e histórias em um tempo curtíssimo. Gosta de assuntos super interessantes como animais, viagens com seus pais, ideias para próximos livros e além de ser muito observador, ele nota de longe quando estou precisando de uma palavra doce. Além de desenhar super bem, é um verdadeiro artista! Minha relação com o Thor se tornou algo muito forte, muito maior que aluno e auxiliar, mas sim uma amizade verdadeira que eu posso contar. A gente marca de ir ao cinema, pois eu sei que é o seu programa preferido e um dos meus também e não importa se está chovendo ou se é um dia cheio, ir no cinema com ele sempre é uma diversão e uma nova oportunidade de aprender muito mais com ele.



Aprendizado

Inclusão é entender a pluralidade e reconhecer as diferenças. Partindo do princípio não da igualdade, mas olhar para ela a partir das diferenças. É reconhecer as necessidades individuais e as especificidades como parte da pessoa, sem banalizá-las e sem diminuir quem as representa. As pessoas que possuem alguma característica que afete o desenvolvimento são capazes de aprender sim, mas para isso é importante sempre que o grupo social ao seu redor crie condições para que isso de fato aconteça. Quando se tem condições de aprendizado no ambiente escolar, o autista tem um grande potencial de desenvolvimento. Além disso tem a oportunidade de viver interações sociais significativas, desenvolver habilidades e criatividade, expandindo sua formação pessoal. A inclusão é um passo extremamente importante para a formação de qualquer um, traz contribuições na autonomia e no seu desenvolvimento. O livro do Thor é um alerta para movimentarmos ainda mais o assunto autismo, um aviso para todos refletirem sobre o que é impor limites nas pessoas quando elas têm o mundo inteiro pela frente.

Fotos: Gabriela Azevedo

Saiba mais

Lei nº 12.764/2012

Esta Lei institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Tendo em vista principalmente a inclusão dessas pessoas nas relações interpessoais e no mercado de trabalho, garantindo a elas "o direito a vida digna, a integridade física e moral, o livre desenvolvimento da personalidade, a segurança e o lazer".

Instagram: @ahistoriadothor

Facebook: Procure por "A história do Thor: um som e um tom para as palavras que não foram ditas".

Thor na estreia e divulgação de seu Livro "Perdidos no meio do Deserto" na escola em que estuda.





JORNALISMO
UNIVALI



MELHORES UNIVERSIDADES

EDITORA  Abril

2018

Jornalismo - Bacharelado

Universidade do Vale do Itajaí
Itajaí





COBAIA

JORNAL-LABORATÓRIO DO CURSO
DE JORNALISMO DA UNIVALI

jornalcobaiia.com.br



{analfabetismo}

Names sem assinatura



A história de vida de uma mulher que se repete quase 12 milhões de vezes no país

// Texto *Juliane Ferreira*
Beatriz Nunes

// Texto **Juliane Ferreira**
Beatriz Nunes

As mãos calejadas nunca conduziram com destreza um lápis ou apertaram as teclas de um computador. Os olhos esperançosos nunca acompanharam a costura das letras que, de ponto em ponto, se emendam e formam palavras, frases e textos. A boca, com poucos dentes restantes, nunca foi capaz de pronunciar palavras que não fossem as que nasciam por pensamento. Contudo, o sorriso largo que recepciona, espanta qualquer tipo de julgamento de incapacidade. Ler e escrever sempre foi complicado para dona Maria Espíndola Provesi, de 66 anos, o que fez com que a senhora de pele negra e cabelos brancos entrasse para mais uma estatística triste do país: a dos analfabetos.

Dona Maria traduz o significado do seu nome na risada sincera e espontânea que distribui por onde seus pés passam, esbanjando personalidade forte na pele negra que a fez mulher para lutar. A cor da pele, inclusive, também entra para a estatística: a taxa de negros e pardos que não sabem ler e escrever é duas vezes maior do que a de brancos: 9,9% dos negros contra 4,2% dos brancos. A mulher dos poucos dentes sabe que deveria ter frequentado a escola, mas os contratemplos da vida a fizeram trocar o caderno pelos instrumentos de faxina e a carteira da sala de aula pela de trabalho.

A simpática senhora nasceu em 7 de novembro de 1951 na cidade de Alfredo Wagner - que viria a se emancipar apenas dez anos depois. Primeiro perdeu a mãe; o pai nunca perdeu, pois sequer o teve. Foi criada até os oito anos de idade pela querida avó até que, certo dia, uma família de sobrenome "Miranda" se interessou pela menina e fez um convite: "queremos te levar para Brusque para que more e trabalhe para nós". A avó permitiu e, ali, aos olhos da terra que a viu nascer e dos cuidados daquela senhora que tanto a prote-

geu, o mundo impôs o adeus das duas sem nada pronunciar. Mas antes de ver a neta partir, um pedido aos novos patrões: "Que tragam Maria de três em três meses para me visitar". Foi a última vez. Maria jamais voltaria.

Junto à família Miranda, aquela menina de oito anos chegou em Brusque para cuidar de outras duas crianças - seu primeiro emprego. Os primeiros dias foram tomados pela saudade da avó. Inocente, ao receber o convite para ir a

Brusque, acreditou que não havia longas distâncias entre as duas. Jamais imaginou que estava a mais de quatro horas distante dela. "Pensei que estava no mesmo bairro ou pertinho da minha vó, mas que nada", lembra. No trabalho, fazia refeição para todos, sem saber ler uma linha das receitas que os adultos pediam. Nunca conheceu como é o formato de um quadro negro de uma escola - ou seja lá o que for escola.

A menina que foi para Brusque não estava acostumada com a cidade desconhecida, de culturas e cores muito diferentes para ela se adaptar. "Quando cheguei aqui, vi todo mundo estranho, comecei a chorar", conta, no auge dos seus 66 anos. Após oito anos, a avó da pequena vai embora, e ninguém sabe o que tirou a vida daquela pobre mulher que sozinha ficou em Alfredo Wagner. Ninguém avisou a menina. O mundo foi cruel, mais uma vez.

Criança, pequena trabalhadora: segundo levantamento feito pelo Todos Pela Educação, com base nos resultados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), quase 2 milhões e meio de crianças de 4 a 17 anos estão fora da escola. O motivo? Na maioria das vezes, o trabalho desde cedo, gravidez na adolescência, envolvimento com o tráfico de drogas e a vulnerabilidade familiar. O que se pensa que era só no passado, tempo de Maria, surpreende: os dados são de 2017.

.....

Dona Maria traduz o significado do seu nome na risada sincera e espontânea que distribui

.....

Tentativas em vão

Medo. Desilusão. Vergonha. Estes são alguns dos motivos que fazem com que adultos desistam de aprender a ler e escrever. Muitos acham que, se não aprenderam quando crianças, não aprenderão mais. Outros se sentem envergonhados de se encontrarem entrando em um Centro de Educação para Jovens e Adultos com determinada idade. Há ainda aqueles que até tentam se matricular e participar de aulas para finalmente conseguirem encaixar as letras, uma a uma, no papel. Porém, por uma série de razões, desistem. Isso quando não é a própria escola que desiste de seus alunos.

Em 2015, dona Maria se matriculou para aprender a ler e escrever. Até conseguia copiar o que a professora lecionava, contudo, não conseguia ler nem escrever com suas próprias palavras. Três anos depois as aulas foram encerradas pela baixa adesão dos matriculados. Os poucos que tinham abandonaram os estudos que foram descontinuados no bairro Poço Fundo, em Brusque. Do nome completo, apenas 'Maria' sai na hora de assinar, e com muito esforço. Quando questionada sobre a causa de querer aprender a escrever já aos 64 anos, ela responde: “É porque eu tinha vontade de aprender receitas. Fazer pratos diferentes, comidas diferentes. E sem receita a gente não consegue fazer as coisas”.

Silvana Fronza Guancino dedicou 28 anos dos seus 46 de vida ao magistério. Desses, 17 foram direcionados à Educação para Jovens e Adultos - EJA, em Itajaí. A profissional conta que começou dando aula aos idosos. “Eu comecei com uma turma da terceira idade, e o aluno mais novo tinha 60 anos. Alguns estavam lá para não morrer sem saber escrever o próprio nome completo”, lembra.

A professora, que dá aulas no Centro Educacional Pedro Rizzi, fala também das principais dificuldades que fazem o número de evasões aumentar. “Muitos desistem pelo trabalho que arranjam à noite, ou pelo fato de trabalharem durante o dia, e quando chega à noite precisam estar cuidando da casa e dos filhos. Mas a gente mostra para eles que o trabalho é importante, mas que o estudo é muito significativo na vida de quem está ali”, explica.

Os contrastes são inúmeros: Silvana alfabetiza também crianças na mesma escola no período diurno, e as diferenças entre alfabetizar crianças e adultos são vastas. “A criança não tem problemas e nem contas a pagar. A mente dela é programada para aprender, a não ser que ela tenha algum tipo de dificuldade. Já o adulto, que vai à escola à noite, já passou daquela idade do ‘frescor do aprender’. Então é um trabalho bem minucioso e direcionado, feito ao lado deles”, diz.

Fotos: Juliane Ferreira



“Algumas crianças já me pararam durante o dia na escola para me perguntar como vão as aulas dos pais. ‘Às vezes minha mãe não está com vontade de ir para a aula, mas mesmo assim eu digo para ela não faltar’, me disseram certa vez”

Professora Silvana

O jeito de aprender

O bairro onde dona Maria reside abriga outras pessoas que assim como ela procuraram o Ensino de Jovens e Adultos, só que com outro objetivo: dar sequência aos estudos abandonados na infância. Marlene Correia Miguel Paza é um exemplo deles. Hoje ela tem 40 anos, é casada e mãe de três filhos, mas interrompeu os estudos na antiga terceira série do Ensino Primário.

Quando Marlene tinha seis anos de idade, a família deixou Lages, Serra Catarinense, para morar em Brusque. Veio porque diziam que a cidade do Vale do Itajaí era promissora, garantia bons empregos. Assim como Maria, o trabalho chamou Marlene mais cedo e interrompeu uma importante fase da sua infância: a escola. Como eram em seis dentro de casa e para ajudar no lar, também teve que trabalhar fora. “Quando criança eu parei de estudar porque fui trabalhar, e agora, como o EJA era aqui pertinho, eu quis ir para aprender mais e me matriculei”, diz.

Ao questioná-la sobre o que aprendeu no EJA, responde sem pestanejar. “Bastante coisa. É diferente depois de adulto. É que naquele tempo quem fizesse terceira ou quarta série já estava bom, né?”. Marlene consegue ler e compreender as palavras, mas é na escrita onde encontra sua maior dificuldade. Às vezes algumas palavras são trocadas e outras nem são possíveis de formar. Mas com o celular, as coisas ficaram mais fáceis. Se antes era pela televisão que ela consumia informações, hoje é o celular que ocupa esta função. “Antes eu não tinha, comecei a usar celular em 2017 e parece que agora eu não vivo mais sem ele”, conta.

Quando Marlene participava do EJA, era acompanhada por outras seis pessoas - uma delas dona Maria. Um grupo pequeno, mas todos tinham um desejo em comum que predominava e fazia valer a pena o deslocamento: buscar o que foi impedido na infância. “A Maria é uma pessoa divertida, sorridente e para mim uma pessoa muito importante”, declara. Quando as duas iam para o EJA, a amiga mais nova a ajudava como podia na tentativa de ver Maria aprendendo a dominar a leitura e escrita. Se entristecia quando era difícil e comemorava quando era possível formar letras que dessem sentido a algo legível. Mas quando os estudos foram interrompidos por falta de adesão, era hora de voltar a conviver com as dificuldades. Marlene sente falta da sala de aula. E Maria também.

Mesmo prestes a completar 67 anos, nossa personagem principal não desiste da vida. Continua trabalhando, cuidando de pessoas, transmitindo o bem através do zelo, assim como recebeu da avó - pelo menos enquanto teve oportunidade. Se precisa ir ao mercado, ao posto de saúde, ou a qualquer outro lugar, ela vai. E por onde anda, é reconhecida pelos vizinhos como a dona Maria que todos conhecem e admiram. Todos, sem exceção. O bairro aprendeu muito com ela. Contudo, vários pensamentos ecoam enquanto ouvimos essa história: 11,8 milhões de brasileiros não sabem ler e escrever. Veem as palavras como códigos difíceis de se decifrar, letras como desenhos incompreensíveis. Tantos são os números que traduzem com exatidão o problema do analfabetismo. São números tão tristes, que nem mesmo quem faz parte deles consegue interpretá-los.



O contraste das mãos de Dona Maria, que nunca escreveram sentenças completas, pousadas sobre o livro de alfabetização mostra que por mais perto que esteja, o conhecimento das letras parece inalcançável à senhora.





Palavra de especialista

“É um grande desafio fazer com que pessoas despertem para aprender a ler e escrever. As políticas públicas das prefeituras, dos Estados e das ONGs são primordiais na divulgação de todo esse trabalho para que as pessoas tenham discernimento disso, e consigam procurar, efetivamente, próximo das suas residências, o conhecimento e a leitura. Geralmente, quando a pessoa já é mais adulta, ela tem vários compromissos com a família, então, tem que ser algo que esteja ao alcance dela. Ou seja, há toda uma logística que impede que eles estudem. O primeiro despertar é a necessidade, o segundo é onde ir. Se tivéssemos mais políticas públicas e mais facilidades para o conhecimento desse público, descobrir onde ele deve ir para voltar a estudar e aprender a ler e escrever, muitas outras pessoas estariam na fila para retornar aos estudos”.

Ilza Cláudia Muller Biz é graduada em Letras pela Uniesp/SP, pós-graduada em Estudos Linguísticos e Literários pela Universidade Fundação Santo André e Graduada de Pedagogia pela Unicesumar. Atualmente, trabalha como Supervisora de Educação da Educação de Jovens e Adultos – EJA, do SESI em Itajaí.





BRINCADEIRA DE ESCOLA

O Programa Escola Aberta incentiva os jovens a terem uma nova visão do ambiente escolar através de atividades que trabalham a criatividade e a relação com a sociedade

// Texto **Samara Michele**
Fernanda Scherer

Passos pequenos desviam dos buracos na calçada e ultrapassam a faixa de pedestre ríspidamente pintada no asfalto. Em meio ao caos da cidade, a figura se vê frente a frente a uma grande estrutura. Os tijolos e cimentos compõem sua coluna cervical. As órbitas enfeitam-se com cortinas azul marinho. Seus pulmões inspiram e inesperadamente assopram uma leve melodia de gritos e risadas infantis. A estrutura está viva, a escola está aberta.

Em atividade há mais de cinco anos, o Escola Aberta viabiliza uma interação direta entre escolas e comunidades em todo o Brasil, através de oficinas aos sábados. Caratê, informática, crochê e futsal são algumas das atividades ministradas por voluntários e funcionários da escola. Em 2017, o programa foi replantado em sete escolas de Itajaí que criaram uma escala para organizar os diretores que são responsáveis por cada polo.

O programa

O diretor da Escola Básica Elias Adaime, Dênis da Silva, que em 2018 representou o Centro Educacional Pedro Rizzi, fala que inicialmente todas as atividades eram abertas à comunidade, mas houve mudanças. “É difícil porque você não tem nenhum respaldo aqui de segurança, então eles vinham e quebravam banheiro, riscavam parede e danificavam a estrutura, o patrimônio público que é direito da comunidade, mas principalmente para quem faz parte da comunidade escolar que são os alunos”.

No entanto, Dênis ressalta que a mudança foi positiva pois destina sua atenção aos alunos e familiares, criando um vínculo nulo anteriormente: “A escola aberta tem que ser para isso mesmo, para aluno e a comunidade vir fazer algum projeto, alguma atividade e isso é interessante. Tirar o aluno da rua. Por exemplo, eles poderiam estar fazendo outra coisa ou aprendendo algo que não deviam, então, é bom vir aqui fazer atividades educativas”.

Na mesma instituição, as voluntárias Valéria Cristina, estudante de Radiologia, e Maria Patrícia, estudante de Enfermagem, relatam os principais desafios encontrados durante o programa, como a falta de interesse dos pais. “Houve um sábado que ficaram duas crianças aí na porta. A sorte é que ainda tem umas frutinhas e eles comem”, conta Valéria. As voluntárias questionam que a maioria dos pais acham que o programa é como se fosse uma creche. “Chegar e deixar a criança o dia

todo não é legal, tem horário certo, mas não é assim”, complementa Valéria.

Em contrapartida, atrás dos muros da escola também existem familiares que incentivam a frequência das crianças no programa, como a Letícia Santos, mãe do Arthur, de dois anos e da Isabelle, 10 anos, alunos da Escola Gaspar da Costa Moraes. “Eles vão para escola e fazem as oficinas, geralmente

tem capoeira e jogos”. Letícia ressalta: “Isso é bom para as crianças e para comunidade”. Diante do fato de ter jogos nas escolas abertas, Auxílio Pilha, 15 anos e também estudante da escola Gaspar da Costa Moraes, conta que todos os sábados no horário da manhã participa das oficinas de futsal e handebol. “É bom ter uma atividade para fazer aos sábados. A gente aprende e para quem não tem nada para fazer pode vir para escola”. Auxílio ainda destaca seu desempenho em sala de sala. “Percebo que meu aprendizado melhorou e a minha relação com meus amigos, pais e professores também. Gosto de estar e fazer parte deste programa”.

A auxiliar administrativa e voluntária Raquel Vansuita dá aulas de crochê na escola Gaspar da Costa Moraes e está diretamente ligada à implantação do programa na instituição. Raquel afirma que dos

700 alunos, 30% participam das oficinas. “Os nossos alunos chegam direcionados para as oficinas e não são aqueles que vêm para atrapalhar ou incomodar”.

A escola aberta é positiva, pois reestabelece o vínculo entre os alunos e familiares.

Fotos: Raquel Vansuita



Alunos, familiares e professores podem participar das atividades que ocorrem aos sábados. As brincadeiras e oficinas oferecidas variam conforme a disponibilidade de cada escola.



{intercâmbio}

DE LÁ

PRA CÁ

Do pessoal para o profissional. De um país para outro. A experiência de ser um intercambista acrescenta em diversos aspectos da vida de quem escolhe sair da zona de conforto.

// Texto *Isabella Camargo*
Louise Lamin
Nicolle Prado

Já faz algum tempo que falar inglês deixou de ser um tópico de destaque no currículo. Ser flexível, saber trabalhar com pessoas diferentes, se adaptar a novos ambientes e no mínimo arranhar um terceiro idioma são os novos requisitos para obter destaque no mercado de trabalho. Mais do que cursos e certificados, experiências e habilidades interpessoais estão formando profissionais capacitados para atuar em âmbito global e o intercâmbio é uma importante ferramenta na construção deste perfil.

Estefânia Tumenas Mello é professora da disciplina de Intercultural Communication do módulo internacional, na Universidade do Vale do Itajaí (Univali). Para ela, o intercâmbio acadêmico no ensino superior tem um peso diferente de quando feito no ensino médio, já que é pensado para o futuro, principalmente na carreira profissional, pois o estudante vê outras maneiras de abranger a profissão. “Eles falam que é muito enriquecedor tanto para a formação profissional deles, porque eles aprendem essa nova visão de como é abordada a profissão, a disciplina e as aulas, quanto para a formação pessoal”.

Seja durante o ensino médio, graduação ou especializações, a experiência proporciona desafios diários e uma nova visão de mundo. Ir ao mercado para você parece ser uma tarefa rápida? Para um holandês aqui no Brasil, nem tanto. Café, ovo, pão, tudo é lentamente registrado no caixa, passa pelas mãos do empacotador e vai para a sacola. Tomar mais de um banho em dias quentes por aqui é normal, já na região desértica do Chile, muito difícil. E pagar menos de R\$20 em algo que normalmente custaria R\$150, seria impossível? Nos Estados Unidos os preços baixos até causam estranhamento. Essas são algumas das situações inusitadas relatadas por intercambistas que contam ao lado um pouco de suas experiências.

Alex Breel

Após cinco meses no Brasil, a única queixa do jovem holandês foram os caixas de supermercado acompanhados de sua lentidão. Vindo da pequena e fria cidade de Vlissingen, o estudante de logística embarcou para o país tropical ansioso, deixando para trás os casacos e trazendo na mala muita curiosidade e alguns shorts de banho, é claro. Salvador, São Paulo e Rio de Janeiro 40° C. O clima e a vida badalada no país foram os principais motivos que o trouxeram para cá e em pouco tempo já conheceu mais lugares que muitos filhos da pátria amada. Mas, ao contrário do que muita gente pensa, a vida por aqui não foi só festa e Alex também precisou estudar. As aulas em inglês foram tranquilas, difícil mesmo foi aprender o português. Por duas vezes por semana o rapaz tentava aprender o idioma que tantas pessoas insistiam em falar com ele diariamente, mesmo depois de um enrolado “eu não falo português” sair de sua boca. Após um semestre inteiro o jovem não saiu daqui falando muita coisa além de “oi, tudo bem?”, mas com certeza levou de volta na bagagem um pouquinho do jeitinho brasileiro.



Juny Hugén

“A primeira coisa que você vai aprender é sobre independência, de todas as formas”. A amante de Pablo Neruda escolheu o Chile como seu destino, mas por lá aprendeu menos sobre poesia e muito mais sobre a verdadeira arte de se virar sozinha. Comprar comida, pagar contas e resolver problemas com documentação, sem nenhuma ajuda, foi apenas um dos desafios que a jovem enfrentou durante os cinco meses que viveu em Antofagasta, pequena cidade no litoral chileno. Sempre aberta a novas experiências, como ela recomenda que todo bom intercambista esteja, Juny precisou aprender a tomar apenas um banho por dia em uma região quente e desértica, se adaptar com a falta de opções na culinária local e entender o espanhol acelerado dos chilenos. Em um país com neve, praia e deserto, a maior diversidade estava nas pessoas, que somada ao amadurecimento pessoal fizeram da viagem uma experiência inesquecível.



Lenn Poppe, Han Van Damme e Mathieu Vandaele

Paz, carnaval e futebol, além de não engordar e nem fazer mal, são os principais chamarizes na vitrine do Brasil e o motivo da vinda dos jovens Lenn, Han e Mathieu para cá. O holandês, Lenn Poppe, e os dois belgas, fãs das festas brasileiras, vieram ao país com o intuito de conhecer as maravilhas das quais ouviram falar e ao chegar se depararam com um povo muito hospitaleiro, o problema é que a grande maioria dessas pessoas só falava português. “Quando escolhemos o Brasil pensávamos que muito mais gente falaria inglês e o maior choque para nós foi perceber que não”, conta Mathieu. A adversidade os fizeram pagar micos mas também os transformou em mímicos profissionais. A afetividade brasileira também deixou de ser estranha e os jovens já até sorriam para estranhos como se os conhecessem a vida inteira. A única coisa que não se acostumaram é com o uso excessivo do plástico, diferente em seus países, e que mostra o quanto também podemos aprender com eles.

Nadia Burigo

Diretamente do Brasil para um filme, foi como a estudante de Publicidade e Propaganda se sentiu durante seu primeiro intercâmbio. Por dois anos, Nadia estudou e trabalhou como babá nos Estados Unidos por meio de Au Pair e imergiu fundo na cultura norte americana. “Você realmente se sente no primeiro mundo”. Foi assim que a jovem descreveu o choque cultural ao se deparar com preços mais acessíveis, educação avançada e o consumismo exacerbado dos americanos. Além disso, outro grande impacto foi por conta das relações afetivas. “Eles são muito diferentes. Para demonstrar afeto eles demoram um pouco, para se envolver é preciso vários encontros até ter aquela proximidade sentimental”, conta. Nadia foi, também através de Au Pair, para a Holanda, onde permaneceu por um ano e, apesar da experiência como intercambista, ainda passou por algumas dificuldades, principalmente com a língua. “Foi um desafio pra mim aprender um pouco do holandês e por isso mesmo que indico pra todo mundo fazer esse programa, a gente abre a cabeça pra várias coisas, a gente se torna mais flexível e mais responsável”, conclui ela.

PROGRAMAS DE INTERCÂMBIO

PIA - Programa de Intercâmbio de Alunos



O PIA é um programa de intercâmbio promovido pela Universidade do Vale do Itajaí (Univali) que oferece aos estudantes de graduação a oportunidade de estudar de seis meses a um ano em uma das universidades conveniadas com a Univali em todo o mundo. Para se candidatar às vagas é necessário que o acadêmico esteja matriculado a partir do terceiro período, não ser formando, ter um bom rendimento escolar e um bom desempenho no idioma do país de destino.

Fórmula Santander

O Programa Fórmula Santander de Bolsas de Mobilidade Internacional oferece para alunos de graduação e de pós-graduação bolsas de estudos para participarem de um intercâmbio de seis meses em uma universidade conveniada com o Santander Universidades e com a sua instituição de ensino.

A inscrição para o programa inicia normalmente no mês de agosto, quando é publicado o edital com as regras de inscrição e seleção, além da lista de universidades com vagas disponíveis.

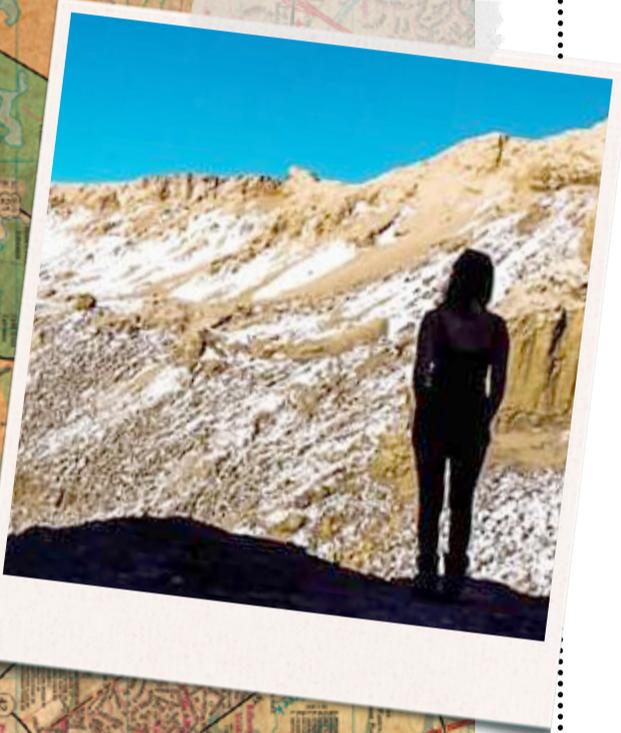


AIESEC

A AIESEC é uma organização estudantil internacional que, além de ajudar no desenvolvimento profissional e pessoal de jovens estudantes, oferece programas de intercâmbio para alunos de graduação ou pós-graduação que tenham idade entre 18 e 30 anos. A organização está presente em 125 países e é conveniada com diversas universidades ao redor do mundo. Existem três opções de programas: Cidadão Global, Talentos Globais e Empreendedor Global. O primeiro tem o objetivo de vincular os estudantes com oportunidades de trabalho voluntário fora do país; o segundo é voltado a quem deseja trabalho remunerado, e o terceiro propõe estágios internacionais em startups. Nos três casos, a busca de vagas, escolha do país e período de permanência é feita pelo estudante por meio de um portal, com o auxílio dos escritórios locais da AIESEC.

Ibero-Americanas

O Ibero-Americanas é mais um programa oferecido pelo Santander junto com universidades brasileiras. Ele tem por objetivo promover o intercâmbio entre dez países, sendo eles: Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Espanha, México, Peru, Porto Rico, Portugal e Uruguai. O programa contempla 1.070 universitários com uma bolsa-auxílio no valor equivalente a 3 mil euros para participar de um intercâmbio por até um semestre em universidades dos países participantes.



Nadia Burigo

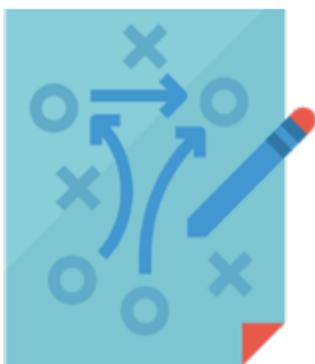
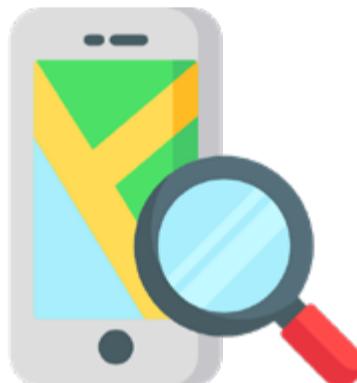


Alex Breel e Lenn Poppe

DE INTERCAMBISTA PARA FUTURO INTERCAMBISTA

Pesquise sobre seu local de destino

É importante conhecer bem o lugar escolhido, já que há diversos fatores importantes na hora da escolha, não só do país, mas também da cidade e sua cultura local. O bairro é seguro? A sua moradia é perto da universidade? Há uma fácil mobilidade entre os locais que você precisa ir? Como funciona o sistema de saúde? Esses são pequenos exemplos que devem ser levados em consideração na hora de fazer um intercâmbio, principalmente aqueles de longa duração. Isso também evita situações inusitadas durante a viagem.

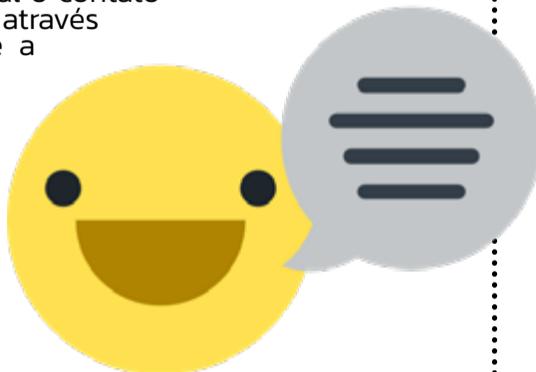


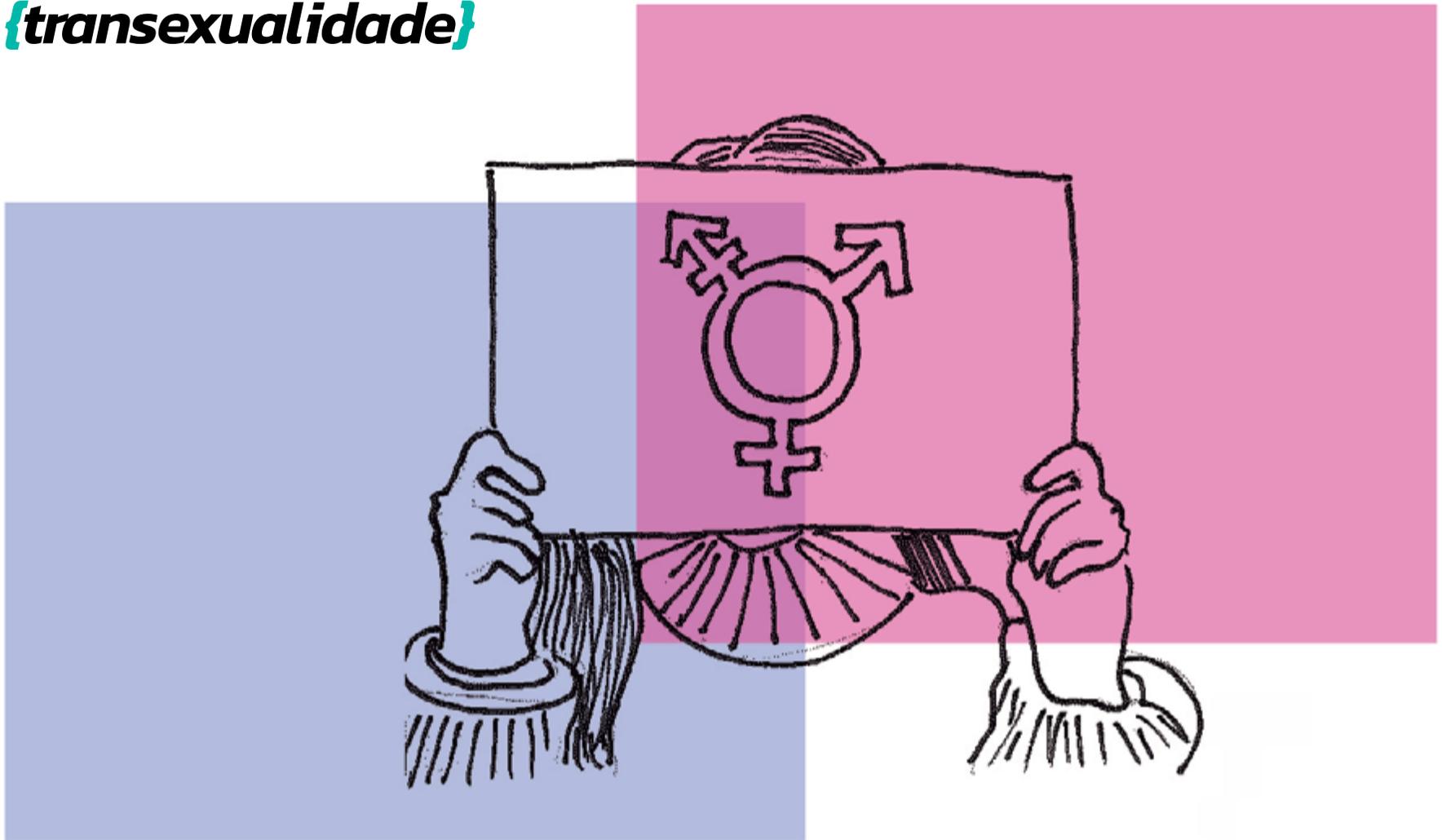
Planeje com antecedência

Há diversos pequenos detalhes que devem ser acertados antes da viagem. O tempo mínimo recomendado para começar a planejá-la é de seis meses, para que nada seja esquecido e que o seu intercâmbio seja bem sucedido. Você deve incluir no planejamento o valor do curso de idiomas, passagens aéreas, hospedagem, passagens de trem e o valor do seguro saúde internacional. Além disso, assim será mais fácil conseguir descontos ou ofertas em preços de passagens ou seguros.

Se comunique com os habitantes locais

Mesmo com a diferença do idioma, é essencial o contato com os habitantes do seu local de destino. É através deles que você vai conhecer melhor o país e a sua cultura. Não seja tímido, você está ali para aprender e quanto mais você treinar e explorar, mais fluência e aprendizado irá adquirir. Sempre irão acontecer situações de falha na comunicação, mas isso apenas deixará a experiência mais interessante e divertida, além disso serão histórias engraçadas para contar para seus amigos e familiares quando voltar do intercâmbio.





QUESTÃO DE IDENTIDADE

Direitos da pessoa transexual em instituições de ensino: garantidos ou ignorados?

// Texto *Rachel Schneider*
Thayná Costa

Todos somos personagens desse instigante livro chamado vida. Alguns passam a história inteira buscando entender qual é o sentido de tudo, outros possuem uma história curta. Também tem aquelas que são leves, mas se tem uma coisa que é certa é que todos irão traçar batalhas, independentemente se elas duram alguns parágrafos ou um capítulo inteiro. A reportagem que você está lendo também é uma história, mas com incontáveis protagonistas. Os finais? Alguns são descrições de cenas de homicídio, outros são muitas páginas de preconceito. O gênero? Terror.

Inclusive é justamente sobre gênero que tudo isso se trata. O problema em aceitação e liberdade dos transexuais para seguirem seus direitos vai além do convívio familiar e círculo de amigos. Instituições de ensino também

têm um papel fundamental na história de cada um destes personagens. Cabe apenas à busca pelo conhecimento e prática do respeito para os finais serem melhores.

Nosso país ainda não deixou de estar em primeiro lugar no ranking de países que mais matam travestis e transexuais, e a dúvida que permeia é: por que a maior parte da sociedade ainda encara isso como um tabu? A antropóloga Micheline Ramos explica que a discussão de gênero acabou beirando num discurso hegemônico da lógica binária, onde as pessoas aderiram a um padrão cultural dominante que não leva em conta a diversidade de gênero. “Nós temos que pensar que gênero não é uma coisa física, não existe simplesmente a lógica binária, homem ou mulher, existe uma fluidez, uma diversidade que deve ser levada em conta.” afirma Micheline.

Desestímulo em sala de aula

“O fato que mais me atingiu naquela escola foi um professor que fez de tudo para que não respeitassem meu nome social e identidade de gênero. Sem motivo algum ele fazia questão de me chamar pelo nome de registro em frente à sala para me constranger. Isso acabou fazendo com que outros professores também me desrespeitassem e o ambiente escolar se tornou tóxico para mim. Acabei desistindo de estudar.” Vitoria Moon Moreira dos Santos, mulher transexual de 20 anos, teve esse desestímulo escrito em sua história aos 17.

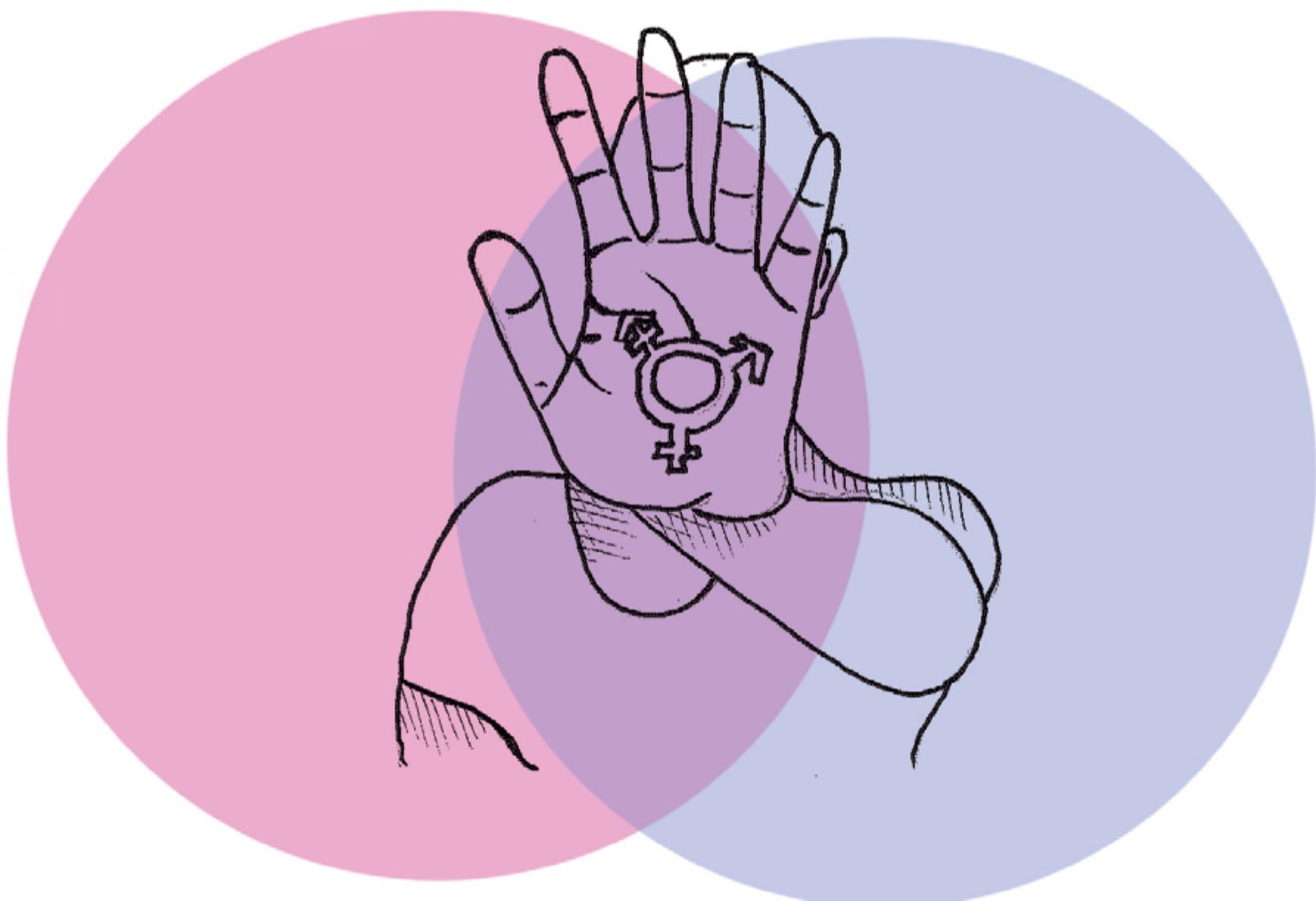
A triste dimensão que esse caso possui passa despercebida, e não cabe só à vítima tentar ter voz para mudar. O apoio de quem não está diretamente envolvido conta muito. O que chama atenção é esse tipo de situação acontecer em um ambiente onde o que permeia é a prática educacional, para, além de tudo, tornar crianças, jovens e adultos pessoas cultas, que pratiquem atitudes de cidadania. Desde 2014 são aceitas inscrições com nome social no Enem, então não é justificável constrangimentos desse nível continuarem ocorrendo em sala de aula.

A direção da Escola Estadual Victor Meirelles, em decisão conjunta com os professores, utiliza o nome social do aluno quando é solicitado, e isso ocorre desde antes de haver regulamentação de lei em relação a isso. O diretor Ademir Barbetta não nega que podem ocorrer situações de constrangimento, mas que a escola sempre trabalha para ser um espaço que todos usufruam da melhor maneira possível.

Assim como Vitória, Leona Marques, de 24 anos, é uma mulher trans e desde criança se identificava com padrões comportamentais ditados pela sociedade como femininos, mas a diferença entre as duas é que Leona conseguiu dar continuidade aos seus estudos. Formada em Engenharia de Petróleo, atualmente é professora de Química em 16 turmas de ensino médio de duas escolas da rede pública de Itajaí, e conta que sua história de transição começou efetivamente na adolescência, durante o período da faculdade. Em relação ao convívio social, Leona comenta que geralmente universitários têm um nível de elocução um pouco maior e acesso à informação, o que facilita o entendimento e a prática de respeito, mas que era um pouco complicado com as pessoas que a acompanhavam pelas redes sociais. “Foi meio que um diálogo, alguns entenderam, outros não, outros não quiseram entender, e eu não me importo, o importante é ser quem eu sou, ser feliz da minha maneira, do meu jeito”, acrescentou a professora.

Agora que os papéis inverteram e ela está na posição de educar, felizmente não é comum passar por situações de constrangimento advindas dos colegas de trabalho, mas que comentários maldosos acontecem uma vez ou outra da parte de alunos. Ao ser perguntada sobre sua reação em relação a isso, Leona conta: “Falei que essas brincadeiras colaboram para o Brasil ter o maior número de assassinatos contra trans. Poderia muito bem denunciar esse aluno, mas nada que uma ‘surra’ de conhecimento não resolva”.

.....
"Sem motivo algum ele me chamava pelo nome de registro[...] Acabei desistindo de estudar."
.....



Alternativas para inserção

Para colaborar no cenário de aceitação e compreensão adequada quanto à transexualidade, outros avanços são necessários, mas conquistas recentes mostram um horizonte positivo. A nova edição da Classificação Internacional de Doenças (CID), divulgada no mês de junho de 2018, deixou de considerar a transexualidade como um transtorno mental, mas, ao contrário da homossexualidade que foi retirada totalmente da classificação, passou a integrar uma nova categoria, que não existia na CID-10, denominada "condições relacionadas à saúde sexual".

Transexualidade não é uma doença e está oficialmente descrita como "uma incongruência marcada e persistente entre o gênero que um indivíduo experimenta e o sexo ao qual ele foi designado". Isso facilita o acesso à saúde das pessoas trans e, segundo a OMS, deve aumentar a aceitação social.

Leona afirma que estar no papel de professor ou aluno não envolve orientação sexual ou identidade de gênero, e se considera bem grossa e intolerante com a intolerância: "Vocês falam de transfobia, eu falo sobre transfobia". A incompreensão enquanto silenciosa continua sendo desrespeitosa, mas não fere. A partir do momento que isso é exposto e deixa de atender um direito, vai além da falta de educação. Micheline comenta que para que esse tipo de situação seja transcendida a história das pessoas precisa ser contada.

Pensando na inserção de um aluno que não se identifica com o próprio gênero no ambiente escolar, ao ser perguntada sobre a necessidade de haver um novo tipo de metodologia a ser aplicada para possibilitar um convívio saudável, tanto dos profissionais com o aluno, quanto dos colegas, a antropóloga diz que é fundamental que exista o diálogo. Seu primeiro movimento como educadora ao ter essas experiências é acolher a pessoa. "Ela não pode se sentir excluída, marginalizada, porque ela é estigmatizada, e provavelmente foi estigmatizada sua vida inteira, não só pelas pessoas nas ruas ou nas instituições, como também dentro da própria família, então é muito importante o acolhimento, e a partir disso, uma conversa franca, aberta e democrática. Não pode haver moralismos instituídos dentro deste debate", complementa.

Vitória tem a mesma opinião. Ela diz que esse assunto deve

ser pautado e trabalhado para que os profissionais saibam como agir com esse tipo de situação, e entenderem que respeitar a identidade de gênero e nome social não é um esforço, e sim um dever para o bom convívio de todos.

A coordenadora pedagógica de uma escola da rede privada de Balneário Camboriú, que preferiu não se identificar, disse que já teve alguns alunos trans no terceiro e que não havia manifestação de preconceito. A escola não proporciona momentos de discussão acerca do assunto. Se algum caso de desconforto ou

preconceito for identificado, o professor repassa a observação para a coordenação que tenta se inteirar do assunto. Posteriormente a isso, a psicóloga é chamada para auxiliar e conversar com os pais.

O diretor da Victor Meirelles, ao falar sobre proporcionar momentos de discussão e orientação envolvendo a transexualidade, afirma que o papel da escola primeiro é abrir espaço para que o aluno possa estar expressando seu pensamento, a sua maneira de viver, e que os momentos de formação e as reuniões que acontecem com os profissionais são voltados para que haja respeito à diversidade.

A questão é ainda mais difícil quando se trata de crianças, pois é a fase onde experimentamos nosso modo de ser no mundo. Então, caso os profissionais identifiquem um comportamento diferente de uma criança em relação ao próprio gênero e acreditem que os pais não estejam a par, qual a melhor forma de lidar com a situação? Não é certo ficar determinando se a criança é ou não

transexual, pois os profissionais da escola não detém este papel, também não podem diagnosticar. Micheline diz que isso é muito complicado, porque quando você diagnostica, muitas vezes acaba-se patologizando a orientação de gênero ou até mesmo sexual do indivíduo. Mas se perceber que há um desconforto, e este é em relação à maneira como o outro trata essa criança, o melhor é chamar os pais para uma conversa, sempre buscando um teor educativo, de desconstrução da heteronormatividade. "Mas para que essa conversa ocorra, é necessário que professores também sejam estimulados e formados, tem que haver sempre um debate para que essas pessoas estejam então preparadas para lidar com a diversidade de gênero", afirmando ainda mais a importância da disseminação do conhecimento.

.....
A história das pessoas precisa ser contada! É fundamental que exista o diálogo.
.....

VIVA

SUAS IDEIAS EM ALTO E BOM SOM

VOZ



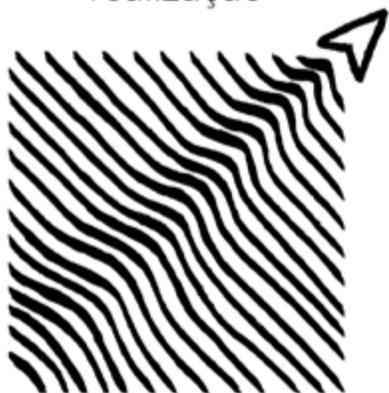
De segunda a quinta
Às 13h30min
univali.br/radio

Rádio
Univali
94,9 fm



patrimônio360°

realização



PROA
media lab

O projeto de extensão **Proa Media Lab**, do curso de Jornalismo da Univali, apresenta: Patrimônio 360°. Através da produção de conteúdos em Realidade Virtual, vamos mostrar as belezas, histórias e detalhes de patrimônios naturais, culturais e históricos da região do Vale do Itajaí. O objetivo é servir de material que preserve e valorize a memória desses espaços, além de ser um conteúdo a serviço da educação e do turismo local. Você pode navegar em 360 graus pelos espaços através do computador, smartphone ou com o uso de óculos de Realidade Virtual.

acesse:
jornalcobaia.com.br/patrimonio360